

Recensão ao livro *Gestão das aprendizagens na sala de aula inclusiva*.

Emygdio da Silva, M. O. (2019). *Gestão das aprendizagens na sala de aula inclusiva* (2ª ed.). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

O livro *Gestão das aprendizagens na sala de aula inclusiva* é dirigido a todos os professores, educadores, pedagogos, estudantes e cidadãos que se interessam por este campo. O trabalho resulta de inquietações e preocupações encontradas junto de educadores e de professores de ensino básico e secundário que se prendem sobretudo com questões relacionadas com o enquadramento da inclusão, abordando ainda as temáticas da exclusão, necessidades educativas especiais e educação inclusiva.

Maria Odete Emygdio da Silva é professora na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias com uma larga experiência e autora de um vasto conjunto de trabalhos e artigos no âmbito da Educação Especial: da Exclusão à Inclusão: Concepções e Práticas; Reflectir para (Re)Construir Práticas; A Análise de Necessidades de Formação na Formação Contínua de Professores: um Contributo para a Integração e Inclusão dos Alunos com NEE no Ensino Regular, entre outros.

O livro está estruturado em quatro partes, iniciando-se com uma apresentação de António Teodoro, Diretor do Instituto de Educação e do CeiED da Universidade Lusófona, onde retrata a relevância da discussão em torno do campo da educação inclusiva. Em particular, sublinha-se que a obra pretende ajudar os professores a lidar com a *diversidade* referindo que o trabalho dos professores, em salas de aula, não se afigura fácil e que este livro “será seguramente um instrumento útil para todos os educadores e professores que manifestam uma séria vontade de trabalhar de outro modo, mas a que muitas vezes faltam exemplos concretos que os apoiem nessa sua intenção (p. 10).

A autora começa por mencionar que se trata de uma segunda edição onde é inserido o atual enquadramento legislativo da inclusão (DL54/2018, de 6 de julho). Seguidamente, realiza “uma breve abordagem relativamente às dificuldades de aprendizagem, perturbações do transtorno do autismo, multideficiência, e dificuldades intelectuais e desenvolvimentais, tendo em conta que estas problemáticas são aquelas que mais preocupam educadores e professores, quando têm de lecionar turmas que têm alunos com este tipo de dificuldades” (p. 7).

Na introdução, é contextualizado o trabalho apresentado de forma sucinta, o seu propósito e a sua estrutura tendo como mote o relatório feito pela Comissão Internacional sobre Educação e apresentado à UNESCO no final do século passado. Neste documento, vaticina-se que a escola para o século XXI tem de estar apta a educar “cidadãos para o mundo [o que] implica saber responder à *diversidade*, seja esta de natureza física, cognitiva, cultural, racial ou religiosa” (p. 11).

Na primeira Parte, *Pessoas com Deficiência: da Exclusão à Inclusão*, é apresentado, de forma clara e sucinta, o percurso das pessoas com deficiência, ao longo dos tempos, relacionando com as características económicas, sociais e culturais de cada época. No referido âmbito, são abordados os seguintes temas: da exclusão à inclusão, da segregação à assistência, da assistência à institucionalização, da institucionalização à integração, da integração à inclusão, educação inclusiva e enquadramento legislativo da inclusão.

Na segunda, *Conceitos e Problemáticas*, são explanadas, as principais problemáticas que estão associadas à necessidade de medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão. Referem-se, nomeadamente, os alunos com necessidades educativas especiais e os com medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão, bem como as dificuldades de aprendizagem, as dificuldades intelectuais e desenvolvimentais, a multideficiência e o transtorno do espectro do autismo.

Os Fatores Facilitadores da Inclusão, abordados na Terceira Parte, em que se apresentam os determinantes para o sucesso e para a integração de qualquer aluno, mas, particularmente, daqueles que têm necessidades educativas especiais. Entre os temas debatidos constam: a atitude para com a inclusão, a organização da escola, a formação contínua de professores, as práticas pedagógicas, o trabalho de grupo numa dinâmica inclusiva, a taxonomia de *Bloom*, de recordar a criar, a tutoria entre pares, a aprendizagem cooperativa, as estruturas cooperativas e a educação inclusiva, a aprendizagem cooperativa, a relação escola-família. Deste modo, e na perspetiva da autora, a inclusão, para ser bem-sucedida, implica a articulação entre a escola, a família, e a comunidade. Neste domínio específico, a autora reclama “a consciência de que há práticas que têm de implementar-se, o que rompe, eventualmente, com a cultura tradicional da escola, da própria família, e da comunidade” (p.85).

A quarta Parte, dedicada às *Reflexões e Referências*, pretende clarificar questões que valem a pena refletir. Partindo da premissa de que a educação inclusiva é proveitosa para todos, esta constitui um desafio para o professor, na medida em que o obriga a procurar estratégias que envolvam todos os alunos, procurando colocá-los em interação de modo a promover e desenvolver, assim, a cooperação e a solidariedade. É reforçado que as aprendizagens que se adquirem através da interação que se estabelece no grupo, particularmente com os alunos com necessidades educativas

especiais, são ganhos significativos e mais eficazes. Reconhecendo-se, no entanto, que “trabalhar com todos os alunos, no mesmo espaço, ainda que em cooperação com a educação especial e outros técnicos, não é uma tarefa linear, que possa ser implementada sem uma retaguarda de suporte que ajude à reflexão sobre o processo” (p. 88). O DL 54/2018, de 6 de julho é apontado por indicar uma perspectiva de escola para todos os alunos, independentemente das dificuldades menos ou mais complexas que alguns possam ter. O diploma salienta, aliás, que “a existência de uma equipa multidisciplinar é um bom passo para desenvolver pontes entre os professores, os pais ou encarregados de educação dos alunos, e outros intervenientes no seu processo” (p. 88). Finalmente, em jeito de síntese, a autora menciona que é desejável que se promovam trabalhos em grupo, onde todos possam participar e sentirem-se mais ativos no processo de aprendizagem. Contudo, é evidente que “o caminho para a educação inclusiva é algo que se vai construindo, eliminando mitos e barreiras, mas que não se faz sem recursos, quer humanos quer materiais e, sobretudo, no que diz respeito à educação, sem formação que vá ao encontro das necessidades dos professores” (p. 90).

O livro “Gestão das aprendizagens na sala de aula inclusiva”, de leitura fácil e agradável, constitui uma interpelação direta, clara e sensível sobre temáticas que, estamos em crer, devem ser discutidas e refletidas, e que merece ser lido por professores, educadores, pedagogos, estudantes e todos os técnicos que atuam nos mais diversificados contextos, em que se impõe uma educação mais inclusiva, cooperativa e solidária. Como nota António Teodoro, o livro insere-se neste propósito “de permitir a todas as crianças e jovens, independentemente das suas diferenças, de cultura ou classe social, mas também de capacidades cognitivas ou motoras, aprendizagens significativas que lhes permitam uma melhor inclusão social” (p. 10).

Hélia Bracons

Universidade Lusófona Humanidades e Tecnologias